

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

“I am feeling frustrated by not having higher education”: women of middle age x late entry in university

Érica Fernanda Moreira Dias¹

Josiane Peres Gonçalves²

Resumo: A pesquisa versa sobre a entrada tardia de mulheres no ensino superior e busca identificar as motivações que levaram algumas acadêmicas de meia idade a ingressarem tardiamente na universidade, ou se for o caso, porquê voltaram a fazer um novo curso superior, destacando quais suas expectativas quanto ao futuro, tendo em vista o quanto estas descrições foram influenciadas por questões de gênero. Participaram da pesquisa oito estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com idade entre 39 e 51 anos, as quais responderam um questionário com questões abertas e fechadas. Os resultados indicam que a trajetória escolar das participantes, e posteriormente sua inserção tardia na universidade, estão estreitamente ligadas às questões de gênero. De modo geral, observamos que algumas delas não tiveram acesso a educação no momento correto, em decorrência também do fato da incompreensão dos seus pais de que estudar é importante e principalmente pela construção de enlaces sociais que normatizam o papel da mulher na sociedade como dona de casa, esposa e mãe de família, relegando a ela os bancos escolares e posteriormente acadêmicos.

Palavras-chave: Mulher; Meia-Idade; Universidade.

Abstract: The research deals with the late entry of women into higher education and seeks to identify the motivations that led some middle-aged academics to enter university late, or, if so, why they went back to a new higher education course. expectations regarding the future, considering how much these descriptions were influenced by gender issues. Eight students from the pedagogy course of the Federal University of Mato Grosso do Sul, aged between 39 and 51 years old, participated in the research, which answered a questionnaire with open and closed questions. The results indicate that the school trajectory of the participants, and later their late insertion in the university, are closely linked to the gender issues. In general, we observed that some of them did not have access to education at the right moment, also because of their parents' incomprehension that to study is important and especially for the construction of social bonds that normalize the role of women in society as owner of house, wife and mother of family, relegating to her the school benches and later academics.

Keywords: Woman; Middle-Age; University.

Introdução

Tendo em vista que entre os estudantes universitários se percebe a existência de mulheres com mais de 40 anos, as quais comentam sobre as dificuldades vivenciadas por terem que cursar o ensino superior

1 Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).

2 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).

e ainda desempenhar várias atividades que socialmente foram atribuídas ao gênero feminino, surgiu o interesse de realizar uma pesquisa para melhor entender essa questão inerente aos desafios enfrentados por mulheres de meia idade na universidade.

Assim, as questões que nortearam a pesquisa foram: Quais são os motivos que dificultaram o acesso das mulheres de meia idade na universidade? Quais são os desafios que as mulheres de meia idade encontram na universidade? Como essas mulheres percebem o olhar da sociedade sobre o fato de serem mães, trabalhadoras ou donas de casa e acadêmicas? E quais são suas expectativas quanto ao futuro profissional e acadêmico?

A pesquisa teve como objetivo discutir sobre as motivações que levaram as mulheres de meia idade a ingressar tardiamente³ na universidade, ou se for o caso, porquê voltaram a fazer um novo curso superior, destacando quais suas expectativas quanto ao futuro, tendo em vista o quanto estas descrições foram influenciadas por questões de gênero.

O referencial teórico foi organizado em três sessões, sendo a primeira: “Conceituando gênero”, que versa sobre as principais questões que envolvem a temática gênero; a segunda: “Mulheres na universidade”, problematiza a questão da presença da mulher no ensino superior; e por fim: “A mulher de meia idade”, contempla os aspectos que envolvem a fase da vida após os 40 anos de idade, conforme apresentado na sequência.

Conceituando gênero

Entre as diversas questões que estão em constante discussão na sociedade atual, destaca-se a questão de gênero e, diante de tal realidade, torna-se importante ampliar as pesquisas sobre a temática, a fim de contribuir com a compreensão do conceito e auxiliar na quebra de tabus relacionados às relações de gênero, inclusive na área da educação. Dessa forma, partimos do princípio de que, para refletir sobre a temática, é necessário compreender que não se trata de determinismo biológico do sexo, mas sim de um aspecto interacional, em que se busca dessexualizar o gênero, conforme sinaliza Carvalho (2015, p. 120):

[...] o gênero é produzido pela interação entre os aspectos corporal, sensorial e social, portanto, uma dimensão do erotismo e uma aprendizagem historicamente relativa. Essa virada conceitual saneou e dessexualizou o gênero, excluindo quaisquer associações com a luxúria do corpo e com o sexo.

Sendo assim, percebemos que inicialmente foi necessário desconstruir o que tínhamos como gênero, para então começar a conceituá-lo de forma mais plausível, por isso temos algumas variações de como este termo foi entendido, pois o conhecimento a seu respeito estava sendo construído e constituído.

Ao refletir sobre gênero, Joan Scott (1995), uma grande pesquisadora da área, destaca que anteriormente o termo era entendido de forma equivocada, por estar relacionado apenas ao sexo biológico, como um termo relativo a homens e mulheres. Para a referida autora, “[...] o termo ‘gênero’ parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”, ou seja, se manifestava de forma contrária ao “[...] determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’ (SCOTT, 1995, p. 72). Para estas feministas, havia um “aspecto relacional” na compreensão de gênero e, nesse caso, só se poderia falar de

3 Usaremos a expressão (inserção tardia) para nos referir ao fato de ser adiada a inserção no ensino superior, em decorrência de se ausentarem vários anos da escola.

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

mulheres se incluíssem os homens também, devido ao entendimento de que, para melhor compreender um dos lados, era necessário analisar o posicionamento dos dois e em âmbito social.

Em períodos recentes, as discussões sobre o termo “gênero” passaram a desempenhar um papel diferente, na tentativa de se tornar “apolítica”, buscando seu uso como forma de amenizar as discussões feitas com a temática inerente à mulher.

Na sua utilização recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Os livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram, durante os últimos anos nos seus títulos o termo “mulheres” por “gênero”. Em alguns casos, mesmo que essa utilização se refira vagamente a certos conceitos analíticos, ela visa, de fato, obter o reconhecimento político desse campo de pesquisa. Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa sugerir a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. “Gênero” parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo (SCOTT, 1995, p. 75).

Assim, percebemos que ocorreu uma modificação no uso do termo “gênero” em diferentes contextos e a partir de muitos estudos o uso do termo “gênero” passou a ser empregado de diferentes formas, evidenciando o quão pode ser político esse termo até mesmo quando não o quer ser (SCOTT, 1995).

Pensando os usos de “gênero” acima citados por Scott (1995), faz-se necessário compreender a situação problemática da mulher em nossa sociedade, pois se o termo mulheres já foi substituído por gênero, para amenizar as possíveis discussões políticas, podemos imaginar o quão bem vinda era a temática mulheres no contexto social. Nesse sentido, Louro (1997, p. 17) salienta que “[...] A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas, tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito”. Sendo assim, a referida autora problematiza sobre a saída da mulher da invisibilidade, para “tornar visível aquela que fora ocultada”.

É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o “verdadeiro” universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. Sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras. Gradativamente, essas e outras mulheres passaram a ocupar também escritórios, lojas, escolas e hospitais. Suas atividades, no entanto, eram quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, “de apoio”, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação (LOURO, 1997, p. 17).

Através desse processo gradativo para dar visibilidade à mulher, esta teve sua saída do lar legitimada, passando a atuar na esfera pública da sociedade. Entretanto, as funções que socialmente são destinadas a elas, e que são amplamente vinculadas, referem-se aos cuidados e afazeres domésticos, como, por exemplo, organizar a casa, cozinhar, cuidar do marido e dos filhos, educar as novas gerações, entre outras. E é por meio desta última função que é validado à mulher um papel reconhecido em âmbito escolar ou do magistério (LOURO, 1997).

Mulheres na universidade

Tendo em vista as questões de gênero apresentadas acima, podemos observar que o mundo do trabalho é amplamente afetado com estas questões, em decorrência da problemática inerente à “divisão sexual das

tarefas”, apesar de a “[...] igualdade econômica, política e social e o direito à não discriminação baseado em sexo e raça”, estarem previstas na Constituição Federal de 1988, conforme salientado por Barreto (2014, p. 9).

Apesar dos avanços da sociedade, ainda vemos barreiras impostas neste setor, ou seja, na área do trabalho, e consequentemente nas universidades, conforme ressalta Barreto (2014, p. 9-10):

[...] o modo como as mulheres participam em diversos âmbitos da vida em sociedade ainda não significa equivalência de poder e de acesso aos bens comuns. A despeito da formalização da igualdade, a ordem social continua marcada pela desigualdade, configurando uma divisão sexual de tarefas em que, para determinadas posições, carreiras e funções são valorizadas, características atribuídas aos homens e à masculinidade e, para outras, características atribuídas às mulheres e ao feminino. Para uma boa atuação no mercado de trabalho, por exemplo, é ainda comum que se valorizem a racionalidade, a competitividade, a busca pelo sucesso, entendidas pelo senso comum como pertinentes ao universo masculino. Já os cuidados da casa e da família, como a valorização do amor, da compaixão, da submissão, da empatia, ainda são vistos muitas vezes como características essencialmente femininas.

Podemos perceber que esta divisão sexual das tarefas está intrínseca em vários setores da nossa sociedade, partindo dos lares até ao mercado de trabalho e também perpassa os pilares das universidades. Se observarmos as instituições de ensino superior que oferecem cursos da área da educação, constataremos que a grande maioria do corpo docente é composta por pessoas do sexo feminino, conforme destaca Guedes (2008), justamente por se tratar de profissões que incluem atividades como o cuidar e o educar, funções estas que historicamente foram atribuídas às mulheres.

Nesse cenário, não podemos deixar de observar que “[...] a questão da desigualdade de gênero não parece ser um problema da “sociedade”, entendida como um “outro” que está em torno, mas distante de quem fala; a desigualdade de gênero está enraizada na própria academia” (BARRETO, 2014). Dessa forma, realizar críticas a uma sociedade injusta, que não garante as mulheres o direito, a igualdade de condições de vida em sociedade, costuma ser uma situação muito fácil, contudo, precisamos observar as desigualdades existentes dentro do lócus da universidade para melhor compreender as condições de várias “estudantes/trabalhadoras”, que se caracterizam como um público expressivo dentro da academia.

É importante lembrar que as mulheres que são maioria nos cursos de graduação do país, em proporção distinta entre os cursos, são também mulheres trabalhadoras e, seguindo a tradição persistente no Brasil, são ainda as maiores responsáveis pelo trabalho doméstico, como tem sido revelado pelas pesquisas da PNAD. Não há, portanto, nenhum heroísmo a ser comemorado, mas o esforço imenso a ser reconhecido: as mulheres, não raro, desempenham a tripla jornada: estudam, trabalham, assumem as responsabilidades domésticas. O melhor reconhecimento desses esforços realizados pelas mulheres brasileiras é garantir a adequada divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, maior liberdade na escolha dos cursos que pretendem fazer e a superação da persistente desigualdade que no mercado de trabalho discrimina o rendimento entre homens e mulheres, criando desníveis tão maiores quanto maior for a escolaridade (BARRETO, 2014, p. 4).

Sendo assim, observamos que a condição de “estudantes/trabalhadoras” é uma realidade dentro das universidades, porém é uma tarefa difícil de cumprir, pois além da carga horária que deve ser cumprida dentro da instituição de ensino superior, há ainda as atividades oriundas das disciplinas e que devem ser feitas fora da universidade, como também as preocupações e afazeres do local de trabalho.

Lembrando também de suas cargas de trabalho doméstico no âmbito de seus lares, fazendo com que essas mulheres cumpram tripla jornada de trabalho. Nesse sentido, estudos realizados por Custódio

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

e Silva (2016, p. 56) evidenciam que quando as acadêmicas precisam de auxílio, para cumprir com os afazeres domésticos, muitas vezes estas “[...] recorreram a outras mulheres (mães, sogras, tias e irmãs) para ajudá-las em suas múltiplas tarefas e não aos cônjuges, ou seja, constituíram uma rede de mulheres que se entreajudavam, estratégia necessária para conseguirem ultrapassar o espaço da casa”.

Nesse contexto observamos que para conseguir cumprir seus compromissos fora do lar as mulheres recorrem frequentemente a outras mulheres e não a seus companheiros como se espera, assim devemos problematizar a presença da mulher no ensino superior, tendo em vista a dificuldade de sua permanência nesse âmbito.

Historicamente, as principais transformações de cunho democrático, cultural e social que favoreceram as lutas feministas travadas, desde os séculos passados, tiveram implicações sobre o acesso das mulheres à educação superior. Entretanto, acesso e permanência no ensino superior estão imbricados com a complexa trama de elementos econômicos, políticos e ideológicos, permeada por uma cultura que atribui às mulheres vários papéis tradicionais, dificultando seus itinerários de estudo e planos de carreira (CUSTODIO; SILVA, 2016, p. 56).

Percebemos que as dificuldades e desafios vivenciados pelas mulheres para ter acesso e permanecer no ensino superior não são naturais e sim construídos pela sociedade, visto que as mulheres acabam por acumular inúmeras funções e nem sempre têm condições de cumprir com todas as atribuições sociais desempenhadas. Além do mais, nem sempre as universidades consideram essa realidade vivenciada pelas mulheres e a própria escolha dos cursos, muitas vezes, tem relação direta com as questões de gênero, conforme analisa Barreto (2014, p. 26): “[...] de maneira geral, as mulheres continuam em alta nas áreas que demandam características pessoais socialmente consideradas ‘mais femininas’, como nas carreiras de Educação, Saúde e Bem-Estar Social, Serviços, e Humanidades e Artes”.

Sendo assim, percebemos que vários fatores envolvem o acesso e a permanências de estudantes aos cursos superiores e percebemos as dificuldades encontradas no cumprimento da tripla jornada. Neste momento, trazemos a baila outro fator relevante para o acesso e a permanência da mulher na universidade, a idade, do qual discutiremos a seguir.

A mulher de meia idade

Vamos iniciar este ponto explanando sobre a idade compreendida como meia idade e, nesse sentido, Papalia e Feldman (2013, p. 512) destacam que: “[...] definimos vida adulta intermediária em termos cronológicos como o período entre as idades de 40 e 65 anos”, porém “não há consenso sobre quando a meia-idade começa e termina ou sobre eventos biológicos e sociais específicos que marcam suas fronteiras”.

Sob essa ótica, para pensar a mulher de meia idade, é preciso refletir sobre algumas situações as quais ela vivência a partir dos 40 anos e que, de alguma forma, podem vir a sinalizar marcos em sua vida, alguns que as valorizam e outros que as inferioriza perante outras mulheres, ou a sociedade em geral.

Na vida das mulheres, diferentemente do que acontece com os homens, existem marcos concretos e objetivos que sinalizam diferentes fases ou passagens de suas vidas, tais como a menarca, a ruptura do hímen, a última menstruação. São marcos visíveis no corpo físico e, obviamente, cada cultura os investe de sua rubrica. De outro lado, podemos facilmente identificar um traço que parece comum e presente em diferentes sociedades e épocas históricas: a valorização da mulher na fase reprodutiva e a sua desvalorização na fase não reprodutiva (TRENCH; SANTOS, 2005, p. 92).

Dessa forma, para realizar a pesquisa, é importante compreender a fase e as transformações na qual a mulher se encontra, quando se insere na meia idade e assim percebemos que ela está se inserindo em um período no qual é considerada não produtiva, fato bastante problemático, pois “[...] na nossa cultura, historicamente, associa-se ao fim do ciclo reprodutivo das mulheres imagens, palavras, gestos que se mostram impregnados de conteúdos patológicos, negativos ou depreciativos” (TRENCH; SANTOS, 2005, p. 92).

Partindo deste pressuposto, podemos refletir sobre o quão complexo é este momento na vida das mulheres, ou seja, o período de ruptura e descaracterização de uma das que é considerada a principal função da mulher, a da reprodução.

A menopausa, enquanto fenômeno socializado e como tal compartilhado, é um acontecimento que passa a ter visibilidade, sobretudo a partir do século XX. [...] Paradoxalmente, a menopausa é vivida por algumas mulheres como um dos marcos mais visíveis e temíveis de suas vidas, pois têm que se deparar não só com questões relativas ao fim de sua vida reprodutiva, mas também com o envelhecimento e com inúmeras fantasias associadas ao fim de sua sexualidade e feminilidade (TRENCH; SANTOS, 2005 p. 95).

Nesse contexto, emerge nosso sujeito de pesquisa, onde abordamos mulheres que estão passando ou já passaram por esta fase de suas vidas, que estão imersas nesse momento de constantes mudanças físicas e sociais, pois alguns acontecimentos fazem sua saúde declinar e afetam o modo como se entendem em sociedade.

A avaliação da percepção sobre a saúde envolve aspectos subjetivos e objetivos, sendo que os primeiros relacionam-se ao modo com que as pessoas sentem e julgam suas próprias vidas. Uma percepção negativa sobre a própria saúde pode ser proveniente de dores, desconfortos, mal-estar e estar relacionada com fatores sociais, culturais, psicológicos e ambientais (MARI; et al., 2016, p. 36).

Diante desse pressuposto e, de acordo com as questões discutidas até o momento, sobre o acesso e permanência de mulheres na universidade, somos convidados a pensar sobre a inserção da mulher de meia a idade na universidade, problematizando essas várias questões que incluem principalmente o início da menopausa (com o fim de sua função principal – ela não é mais procriadora), levando em conta tanto aspectos físicos e principalmente sociais. Somos levados a refletir sobre algumas questões que envolvem primeiro a entrada de mulheres na universidade e segundo se os aspectos ligados à idade influenciam esse acontecimento e como ele ocorre.

Sendo assim, é necessário observar primeiro que há um grande número de mulheres em vários “[...] níveis educacionais. No ensino universitário não é diferente; nele, a presença de mulheres é preponderante. Entretanto, este cenário não afasta as distorções de gênero” (BARRETO, 2014, p. 12). Percebemos que um volumoso número de mulheres em diferentes níveis de ensino não afasta problemas ligados às questões de gênero.

E em segundo lugar devemos lembrar que outros aspectos que influenciam esses números, como é o caso do fator idade que, “Conforme descrito na publicação Estatísticas de Gênero (IBGE, 2014), em 2011, as estudantes eram maioria entre as/os universitárias/os na faixa etária de 18 a 24 anos” (BARRETO, 2014, p. 12). Assim, percebemos que outras faixas de idade não são tão comuns no ensino superior, sinalizando que as mulheres de meia idade não estão em número muito elevado na condição de estudantes nos espaços universitários.

Desse modo, buscaremos observar, com a pesquisa, quais os motivos pelos quais as mulheres de meia idade estavam fora da universidade, por que elas voltaram neste momento e, se for o caso, porque se inseriu em uma nova graduação nesta etapa de suas vidas.

Metodologia

Quando pensamos no tipo de metodologia que iríamos utilizar na elaboração desta pesquisa, escolhemos o tipo qualitativa, de natureza descritiva. Percebemos que dentro da temática em questão essa seria uma forma útil de coletar os dados, tendo em vista que:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemáticas (GIL, 2002, p. 42).

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa nos pareceu de enorme utilidade para a posituação da análise dos dados coletados por meio dos questionários entregues, visando que “[...] a análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (GIL, 2002, p. 133).

Neste sentido, esta pesquisa nos moldes acima citados, foi desenvolvida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Naviraí e teve como participantes acadêmicas do curso de pedagogia, visando o trabalho com mulheres de meia idade, buscando perceber os motivos que as levaram a se inserir na universidade, suas perspectivas quanto ao curso, o que mudou e o que permaneceu. Segue abaixo uma descrição das etapas da pesquisa e o que foi desenvolvido em cada momento.

Na primeira etapa foi realizado o levantamento bibliográfico com a coleta de dados relacionada ao tema e a metodologia utilizada, em que foram pesquisados autores na área das discussões, como Scott (1995), Louro (1997), Trench e Santos (2005), Papalia e Feldman (2013), Barreto (2014), Carvalho (2015), Custodio e Silva (2016) e Mari et al. (2016). Ficando a metodologia a cargo de Gil (2002).

Na segunda etapa foi realizado o contato e a entrega dos questionários as participantes da pesquisa, cujo instrumento utilizado foi respondido por oito mulheres consideradas de meia idade, que ingressaram na universidade (não necessariamente sendo este seu primeiro curso superior), com idades entre 39 e 51 anos.

Tendo como base não somente a perspectiva de que a fase em que o indivíduo entra na meia idade está localizada entre 40 e 65 anos, mas que há outros aspectos sociais que envolvem esta categoria, por este motivo escolhemos como sujeito da pesquisa uma mulher com idade próxima aos quarenta anos, mas que se enquadra nesta modalidade levando em conta que “[...] a experiência da meia-idade varia de acordo com a saúde, o gênero, a raça/etnia, o nível socioeconômico [...] e a cultura, bem como com a personalidade, a situação conjugal e parental e o emprego” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 513).

Após a elaboração do questionário, inicialmente fizemos contato e explicamos sobre a relevância da pesquisa à 11 acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, mas tivemos duas respostas negativas, quanto a fazer parte da pesquisa. Então foram entregues nove questionários, os quais foram devolvidos preenchidos entre dois a sete dias e, entre estes, apenas um não retornou. O perfil das oito estudantes universitárias que responderam ao questionário e que caracterizam a amostragem do presente estudo, encontra-se descrito no Quadro 1.

QUADRO 1: Perfil das participantes da pesquisa

Sujeitos	Profissão	Idade em anos Cor	Quantos filhos e qual idade dos filhos Com quem mora	Estado civil	Renda familiar Média
P 1	- Estagiaria remunerada na APAE	39	- 1 filho - 6 anos	- Casada - 9 anos	- 2 a 3 salários mínimos
		- Negra	- Esposo, filho, mãe.		
P 2	- Agente de conservação asseio na UEMS	40	- 1 filha - 11 anos	- Casada - 12 anos	- 2 a 3 salários mínimos
		- Parda	- Esposo, filha.		
P 3	- Estagiaria remunerada na educação infantil	41	- 1 filha e 1 filho - 18 e 13 anos	- Atualmente Casada - 3 anos	- 2 a 3 salários mínimos
		- Branca	- Esposo, filho e filha que sempre vem visitá-la.	- Divorciada - 20 anos	
P 4	- Autônoma com vendas	41	- 1 filha - 24 anos	- Casada - 24 anos	- 4 a 5 salários mínimos
		- Parda	- Esposo		
P 5	- Estagiaria remunerada em uma creche municipal	45	- 1 filha - 23 anos	- Casada - 24 anos	- 3 a 4 salários mínimos
		- Branca	- Esposo e filha		
P 6	- Assistente administrativo escolar	45	- 2 filhas - 9 e 16 anos	- Casada - 18 anos	- 2 a 3 salários mínimos
		- Branca	- Esposo e filho		
P 7	- É caseira em uma fazenda e faz queijos para vender	46	- 3 filhos - 17, 24 e 27 anos	- Casada - 28 anos	- 4 a 5 salários mínimos
		- Preta	- Esposo e filho caçula		
P 8	- Professora	51	- 2 filhos	- Divorciada - 20 anos	- 2 a 3 salários mínimos
		- Parda	- 1 filho		

Fonte: Autora (2018)

Cabe salientar que os nomes das participantes foram omitidos, a fim de preservar a identidade das mesmas e que partiremos do pressuposto de que vamos analisar mulheres de idade próximas aos 40 anos até os 51 anos. A intenção é perceber quais as questões de gênero permearam suas vidas e se essas questões influenciaram sua inserção tardia no ensino superior, ou seja, iremos nos debruçar a pensar na problemática de ser mulher estudante e principalmente de ser mulher estudante na meia-idade dentro da universidade.

Na terceira e última etapa, foram analisados os materiais coletados e os mesmos foram discutidos em um artigo científico para trabalho de conclusão do curso de pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Naviraí.

Resultados e Discussões

A seguir explanaremos os resultados obtidos com a pesquisa tendo em vista os questionários realizados com oito participantes acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Inicialmente as participantes responderam sobre sua trajetória escolar percorrida por elas, sendo que várias mulheres relataram que ficaram vários anos sem estudar, apenas a P7 não chegou a mencionar quanto tempo ficou afastada da educação escolar. Enquanto que a P3 relatou que ficou fora desse ambiente em dois momentos diferentes: a primeira vez durou em média de 5 a 6 anos após o término do ensino fundamental e a segunda vez foi após o ensino médio, quando ficou 12 anos afastada até iniciar o curso de graduação. As demais participantes relataram que ficaram fora da escola por tempos variados, tais como: 10 anos (P2 e P4), 15 anos (P8), 18 anos (P1), 20 anos (P5) e 26 anos (P6).

Dentre as oito participantes da pesquisa, mesmo passando um bom tempo sem estudar, duas relataram terem feito um curso de graduação anteriormente ao curso atual, sendo elas: a P4 que é formada em Serviço Social e a P8 que é formada em Geografia e Direito e no período da coleta de dados, estava realizando um curso de especialização em Meio-ambiente, História e Geografia, áreas pré-definidas como femininas ligadas ao cuidar e educar.

Algumas participantes se sentiram a vontade para falar sobre os motivos pelos quais ficaram afastadas da escola por tanto tempo, sendo que a participante P2 relatou que: “As condições não permitiam e meus pais, por não terem estudado, não me incentivaram a estudar”. Já a P7 mencionou que deixou de estudar “por motivos de desistências e mudança para outro Estado”. Enquanto que a P3 relatou várias questões, inclusive relativas ao gênero feminino.

Em 1994 mudamos de Naviraí para Baúru-SP, foi aí que perdi o interesse pela escola e pelos estudos. Fiz o 1º ano do ensino médio em 1995 e parei de estudar. Por 5 ou 6 anos fiquei fora da escola. Voltei depois já casada e com uma filha pequena para fazer o 2º ano. Após eu parei de novo porque havia muitas críticas das pessoas, especialmente de familiares e também muitas brigas em casa, pois achavam que mulher casada e com filhos não deveria estudar, que meu tempo já tinha passado. Só concluí o ensino médio no ano de 2014, depois de ter me divorciado (P3).

A P3 foi a única que mencionou claramente que as questões de gênero influenciaram no sentido de ela ficar tanto tempo afastada da escola, ficando nítido que realmente para as mulheres casadas e que são mães, há a exigência de que primeiro têm que atender às necessidades da família, nesse sentido elas abrem mão do seu processo de formação escolar. A P3 ainda afirmou que sua volta aos estudos ocorreu apenas quando se divorciou e se livrou das obrigações de seu casamento anterior.

Ao responder se cada uma das participantes de pesquisa haviam sido beneficiadas por algum programa de aceleração para completar seus estudos, observamos que entre um total de 8 participantes de meia idade, três passaram por processos de aceleração de sua formação: a P2 fez a Educação para Jovens e Adultos (EJA) e duas outras participantes realizaram o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), sendo que a P3 concluiu apenas o ensino médio por este processo enquanto que a P7 concluiu o ensino fundamental e o ensino médio.

Diante dos dados apresentados, notamos que, em menor quantidade, algumas estudantes utilizaram de modalidades de ensino que aceleram a finalização da educação básica, indicando que elas podem ter tido dificuldades para ingressar no curso superior e se adaptar às exigências da universidade.

As oito mulheres de meia idade também falaram sobre os motivos pelos quais elas não ingressaram em um curso superior anteriormente, com exceção de duas participantes (P4 e P8) que já tinham concluído outro curso de graduação. Entre as seis mulheres que responderam, podemos observar que diversos motivos apareceram, sendo citados com frequência entre uma e quatro vezes: os motivos que apareceram apenas uma vez referem-se ao fato de a participante pensar que não tinha capacidade (P1) e o fato de morar em zona rural (P7). Já os motivos que apareceram duas vezes, estão os relatos da P2 e P6 que disseram não terem tido oportunidade anteriormente e a fala P5 e P6 que relataram motivos ligados a falta de recursos financeiros ter influenciado, evidenciando que um dos fatores que interferiram na escolarização tardia refere-se à condição socioeconômica do aluno.

Observamos que entre os motivos que mais foram citados pelas mulheres (vezes), destacam-se as questões inerentes ao gênero feminino. Assim, as participantes P2, P3, P5 e P7 afirmaram que o fato de se casarem, estarem grávidas ou com filhos, as fizeram adiar o ingresso no curso superior, por terem feito a opção de estarem próximas dos filhos e terem mais tempo para se dedicar aos familiares e as atividades da casa.

Dentre estes motivos, podemos observar um fato pouco mencionado, que é referente a atitude de muitos maridos que não deixam suas esposas estudarem, como relata a P3: “meu ex-marido não queria que eu estudasse” e, por tal motivo, apenas após o divórcio ela ingressou na universidade.

De acordo com Ávila (2010, p. 170), o impedimento por parte do cônjuge ou “[...] a falta de comprometimento do marido se mostra como um impedimento à obtenção de um diploma de nível superior” por parte de estudantes casadas. Em muitas situações, elas acabam por desistir da faculdade, como um dos casos citados pela autora que a aluna “[...] precisou interromper o curso para ficar com o filho à noite porque a pressão psicológica do marido para que ela largasse o curso foi muito grande” (p. 170). Felizmente entre as participantes desta pesquisa que eram casadas enquanto cursavam o ensino superior, nenhuma precisou desistir devido à interferência dos companheiros.

As oito participantes da pesquisa também responderam sobre qual o momento que tomaram a decisão de entrar na universidade e as respostas foram divididas em três grupos: no primeiro grupo o foco foi sobre a oportunidade de conseguir um serviço melhor como ressaltou a P4 - “Na primeira graduação entrei dez anos após ter terminado o ensino médio. Para ter uma melhor oportunidade de trabalho”; e também a P7 - “Tomei a decisão quando percebi que eu poderia tentar algo novo na minha vida e pela oportunidade de um emprego melhor”; no segundo grupo foi ressaltado sobre o fato de as participantes sempre terem almejado ingressar no ensino superior, como foi relatado pela P2 - “Já tinha vontade de fazer faculdade algum tempo, mas fui adiando e só agora pude fazer”, pela P8 - “Sempre foi um sonho e na primeira oportunidade aproveitei”; e também pela P6 - “Essa idéia já vem de algum tempo, porque eu quero uma graduação principalmente pelo aprendizado, pois não pretendo exercer a profissão”, indicando que mesmo sem querer exercer a profissão, a P6 buscava o aprendizado; o terceiro e último grupo indica os motivos relacionados as questões de gênero:

Tomei a decisão de ingressar na universidade no ano de 2014 quando pela primeira vez fiz o ENEM⁴, e o porquê de tal decisão, era que eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior e sempre me sentia mal por isso. Foi quando me cansei de ser apenas dona de casa e fui em busca de alcançar meu desejo (P1).

4 Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cuja nota é utilizada para entrar em universidades públicas.

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

Nessa perspectiva, observamos que a P1 destacou sobre sua frustração em não ter ensino superior e principalmente por não querer mais ser “apenas dona de casa” uma função legitimada somente como serviço de mulher e que não tem reconhecimento social; outra participante, a P5 mencionou sobre o “ninho vazio” - “Quando senti um pouco de vazio na minha vida, ou seja, minha filha já não precisava tanto de mim” característica marcante desta idade, pois para Gonçalves (2016, p. 101), “Quando os filhos saem de casa os pais podem se sentir aliviados por ter cumprido a sua parte em educar a nova geração ou viver uma crise existencial por perder as funções relativas à paternidade ou maternidade”.

Enquanto a P3 descreve o que a motivou “porque queria concluir os estudos e fazer uma graduação para ter uma profissão e conseqüentemente uma melhoria na qualidade de vida”, porém percebemos, como narrado anteriormente por esta participante, que o ex-cônjuge não a deixava estudar e com o fim do relacionamento, ela optou por investir na sua própria formação.

Também não podemos esquecer que além de todos os motivos citados pelas mulheres de meia idade participantes de nosso estudo, elas também estão passando por questões fisiológicas que envolvem seus corpos e podem afetar seu desenvolvimento durante a graduação.

O cérebro em processo de envelhecimento experimenta declínios em uma série de áreas, e isto é particularmente verdadeiro para tarefas que requerem um tempo de reação rápido ou o malabarismo de múltiplas tarefas. Por exemplo, tarefas que envolvem escolha de respostas (tal como apertar um botão quando uma luz se acende e outro botão quando um som é ouvido) e habilidades motoras complexas envolvendo muitos estímulos, respostas e decisões (como ao dirigir um carro) sofrem um declínio mais acentuado. Parte da razão para isto é que a capacidade de ignorar distrações declina gradualmente com a idade, tornando a multitarefa mais desafiadora [...] Alguns desses declínios podem ser baseados em alterações físicas reais no cérebro (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 515).

Outra questão respondida pelas participantes da pesquisa era porque elas escolheram o curso de Pedagogia, cujas respostas foram diversas, sendo que três participantes (P2, P6 e P8) mencionaram a relação com o serviço que realizavam ou algum curso que fizeram anteriormente. Outras afirmam que não tiveram opção (P1, P3, P5 e P6) e, entre essas, apenas a P1 e a P3 afirmaram ter se identificado com o curso. Por fim, a P7 relatou que “sempre quis ser professora”, sendo a única entre as participantes que afirmou de fato gostar do curso de graduação desde o início, evidenciando que, querendo ou não, as participantes acabaram por entrar em um curso superior considerado como uma atividade feminina, conforme destaca Louro (1997).

Devemos observar que se tratam de situações diferentes que levaram essas mulheres a cursar Pedagogia, confirmando o que Barreto constatou anteriormente em seus estudos que “O curso de Pedagogia continua sendo o curso mais feminino, com 93,3% de mulheres matriculadas” (BARRETO, 2014, p. 28). A autora também ressalta algumas questões que tornam cursos mais masculinizados ou feminilizados.

A respeito da distribuição entre mulheres e homens nas diferentes carreiras, a análise mostrou que algumas disciplinas ainda permanecem bastante femininas e outras bastante masculinas, configurando verdadeiros guetos. Os cursos mais femininos, que concentram menos de 10% de estudantes do sexo masculino, permanecem associados ao cuidado e à educação. Já os cursos mais masculinos, que também apresentam baixíssimo percentual de presença feminina, são aqueles ligados à área tecnológica, como as engenharias (BARRETO, 2014, p. 43).

Em seguida, as oito mulheres responderam sobre suas famílias, se apoiaram sua tomada de decisão de voltar a estudar e, nesse aspecto, todas as participantes afirmaram que sim, que elas receberam apoio total de suas famílias, como destacou a P1: “Minha mãe e meu esposo me apóiam muito nesta escolha. Minha mãe fica com meu filho para eu estudar na universidade e meu esposo sempre me leva aos lugares onde preciso ir para os estudos em grupos, pois não tenho habilitação”. Também a P3 afirmou: “Sim. Minha família (mãe) sempre quis que eu estudasse, então quando me separei, ela e meus filhos disseram para eu fazer o ENEM que eu conseguiria ter uma graduação em qualquer área que eu quisesse, porque sempre fui guerreira”.

Sendo assim, percebemos que a primeira participante aponta que além de apoiarem, seus familiares colaboram com sua formação, corroborando com os pressupostos de Custódio e Silva (2016, p. 56) sobre a rede de colaboração entre as mulheres que se “entrem ajudam”. Por outro lado, a segunda assinala o apoio que teve para continuar os estudos após a separação.

As participantes da pesquisa também relataram sobre a sensação que tiveram ao se inserir na universidade e as respostas foram bem variadas, tais como: “Os primeiros meses que ingressei na universidade foram um pouco tensos, pois era um contexto ao qual não estava habituada e também tinha pouca habilidade com a tecnologia na hora de fazer os trabalhos acadêmicos” (P1); já a P2 reconheceu que se sentiu “meio perdida no começo, pois o curso já tinha começado eu entrei depois, mas agora tudo bem, já peguei o ritmo”; a P3 afirmou que “Foi estranho porque ao mesmo tempo em que eu estava feliz, também me sentia um peixe fora d’água”; a P4 enunciou que foi uma “Sensação de conquista, pois era um sonho cursar o nível superior e, vindo das condições financeiras e familiares que eu tinha, essa possibilidade parecia um tanto distante”; a P5 disse que “Logo que cheguei, fiquei um pouco assustada, pois há muito tempo estava fora de uma sala de aula, mas depois me senti confortável ao perceber que tinham outras pessoas na minha situação”; por outro lado, a P6 afirmou que foi “Tranquilo, não foi a primeira Universidade que frequentei, já fiz quase 3 semestre de matemática”; enquanto que a P7 salientou que “No início confesso que foi difícil, cheguei a me perguntar o que estava fazendo ali. A minha maior dificuldade era na área da tecnologia, pois até então só utilizava o celular para fazer ligações e conversar no WhatsApp”; por fim a P8 lembrou que foi uma “Sensação de gratidão a Deus por me conceber saúde e fé para seguir na caminhada”.

Nesse contexto, observamos, principalmente nos relatos da P1 e P7, que o uso das tecnologias representou uma dificuldade, além do tempo gasto para entrar no ritmo do curso, devido as características próprias da idade, conforme concebem Papalia e Feldman (2013).

As oito mulheres também responderam como suas famílias percebiam seu ingresso na universidade e as respostas novamente se dividiam em três idéias diferentes: a primeira diz respeito as respostas de cinco das participantes (P3, P4, P5, P7 e P8) que declararam que as famílias têm muito orgulho, as vêem como exemplo de garra e força; a segunda refere-se aos familiares que ficam felizes por elas e vêem sua dedicação, porém observam a vida acelerada e a falta de tempo, além de destacarem pequenos preconceitos sofridos por estarem cursando o ensino superior, como pode ser visto no relato abaixo:

Vou relatar sobre a minha família no geral, não só meu esposo e minha mãe, que independentemente de estar cursando o ensino superior, sempre estão me apoiando em minhas decisões. Agora em relação aos demais familiares, percebo pelas suas atitudes que acham que sei tudo; porém têm aqueles ainda que não falam claramente, mas quando estamos conversando dão a entender que estou me achando melhor que eles, por estar concluindo o ensino superior, e tem aquelas pessoas ainda que procuram me agradar em tudo (P1).

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

Percebemos com a afirmação desta participante que alguns dos familiares a apóiam e outra parcela vê certo elitismo no fato de ela estar fazendo um curso superior, indicando infelizmente uma realidade que não é tão conhecida para esta comunidade, fazendo com que construam a representação social de uma figura “sabe tudo” (MOSCOVICI, 2012). No entanto, é preciso considerar que:

Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um habito a partir disso, é uma coisa; mas é outra coisa completamente diferente preferir isso como um padrão de referencia e medir tudo que acontece e tudo que é percebido, em relação a isso [...] mas essa consciência é usada também como um critério para avaliar o que é incomum, anormal e assim por diante. Ou, em outras palavras, o que é não familiar (MOSCOVICI, 2012, p. 55).

As participantes da pesquisa comentaram também como elas imaginavam que seus colegas de faculdade as percebiam naquele ambiente, sendo que suas respostas foram variadas: a P1 relatou que era difícil generalizar o que pensavam os colegas, porém observou que “Tem algumas pessoas da minha sala que tenho afinidades e percebo que elas têm carinho e respeito pela minha pessoa, foram amizades iniciadas dentro da universidade e com certeza irão para além da mesma”; também a P3 mencionou que não sabia ao certo o que pensavam as pessoas, mas também relatou possuir “um bom relacionamento com todas as colegas do curso”; a P3 disse que “Isso já não sei responder, da minha parte eu me sinto muito bem, porque também tem muitos jovens, mas há também pessoas numa faixa etária mais elevada, considero a sala bem mesclada”; a P4 destacou que “a turma é bem diversificada na faixa etária” e complementou que “Alguns vêem minha opinião como polêmica, pois sempre falo o que penso”.

Dando continuidade às respostas sobre a percepção da turma sobre elas, a P5 salientou que acredita que os colegas de sala “não me vêem muito diferente apesar de ter alguns mais novos” e sobre este aspecto a P8 disse que é “Normal, como as outras pessoas que também buscam um objetivo”; a P7 demonstrou otimismo ao afirmar que “Acho que me percebem como uma vitoriosa por não ter desistido do meu sonho”, enquanto que a P2 afirmou que “A maioria parece que nem te nota na sala, cada um por si e Deus por todos”.

Uma das indagações presentes no questionário era sobre a vivência de preconceitos por ingressar tardiamente na universidade e a maioria (P1, P3, P5, P6, P7 e P8) relatou que não sofreu ou sofre preconceito como destacado pela P1: “Não sofri nenhum preconceito por ingressar na universidade tardiamente, muito pelo contrário, até com as meninas mais novas, é possível manter um diálogo de respeito mútuo”. De forma semelhante, a P5 disse que “Não, todos me tratam bem sem nenhum tipo de discriminação ou indiferença inclusive os mais jovens” e a entrevistada P7 ressaltou: “Não que eu tenha percebido, afinal todos temos que correr atrás de nossos sonhos, não importando a idade e sim se somos competentes para alcançá-los”.

Em contrapartida, a P2 salientou: “Não digo exatamente preconceito, mas as pessoas não dão muita bola, não ligam muito, mas eu fico na minha e converso mais com as colegas que sentam mais próximo de mim”. A P4 também comentou: “Preconceito não, mas acho que as dificuldades são mais em relação os meus pensamentos que defendo e as vezes minha forma de me expressar, faz com que eu acabe parecendo autoritária, franca demais e nem todos estão preparados para respeitar as opiniões alheias”.

As participantes da pesquisa também disseram se em algum momento, durante sua trajetória de vida, elas perceberam alguma discriminação pelo fato de ser mulher, sendo que seis das participantes responderam que não. Contudo, a entrevistada P3 enfatizou: “Sim, existe um tipo de pessoas, em geral

homens, mas também algumas mulheres, que acham que o sexo feminino nasceu para ser dona de casa e mãe de família”, enquanto que a P1 respondeu:

Nossa! Sim, infelizmente, imaginamos que esse tipo de discriminação nunca vem do contexto familiar, mas no meu caso e das minhas irmãs, foram dentro da própria família, um ambiente que julgamos a segurança para o pleno desenvolvimento do indivíduo. Meu finado pai não aceitava o fato de no total sermos quatro mulheres, pois o sonho dele era ter um filho. Lembro que minha infância foi marcada pelo descontentamento do meu pai, ele não nos agredia fisicamente, mas suas palavras eram traumatizantes, dizia constantemente que tínhamos que ter nascido “mortas”, pelo simples fato de sermos mulheres (P1).

Percebemos com esse relato de uma infância marcada pela discriminação de gênero, e como essa experiência fica registrado no interior do indivíduo e traumatiza essa pessoa, deixando visível a inferiorização da mulher por uma sociedade machista.

As oito mulheres responderam ainda se acreditavam que, se elas fossem homem, se as suas trajetórias escolares seriam diferentes, resultando em repostas bem variadas, sendo algumas negativas como no caso da P5 que relatou: “Acho que não, talvez teria estudado menos, penso que seguiria a trajetória dos meus irmãos, pois nenhum dos dois terminou o ensino médio”; e da P7: “Acho que não, dizendo pela família que tenho. Ainda ouço meu pai dizer ‘Estuda filha!’, isso quando eu era mocinha”. Mesmo sendo negativas as respostas foram por diferentes motivos. Enquanto que a P3 não se posicionou em decorrência dos seus próprios motivos: “Não sei dizer ao certo, porque o que me desmotivou a terminar os estudos na época certa foi todo um contexto social e familiar. Então não sei se eu fosse homem se isso teria sido diferente”.

Por outro lado, as participantes que responderam afirmativamente tiveram também motivações diferentes, como no caso da P4 que mencionou: “Acredito que sim, não teria cursado minha primeira graduação, pois teria seguido o que aconteceu com meus irmãos homens, que foram trabalhar para ajudar a sustentar a família”. Ela destacou o fato de os irmãos pararem de estudar para sustentar a família e não poder se dedicar aos estudos. A P8 assim salientou: “Talvez sim, pois no curso ao qual eu estudo, 80% dos alunos são mulheres”, observando que o curso de Pedagogia é predominantemente feminino.

Cabe destacar a opinião de algumas participantes sobre as questões de gênero percebidas em suas vidas, relacionadas à escolaridade, como apontado pela P2: “O homem não tem tanta preocupação, como é o caso da mulher que cuida da casa, dos filhos, estuda, é muita coisa para fazer...”. Também a P6 argumentou: “Acho que os homens têm mais tempo para se dedicarem aos estudos, mais do que as mulheres”. Para Barreto (2014, p. 13):

A jornada média das mulheres nas atividades domésticas é mais que o dobro da jornada masculina, já que os números indicam 20,6 horas/semana para mulheres e 9,8 horas/semana para os homens. Articulando a jornada profissional com a doméstica, as mulheres trabalham um total de 56,4 horas e os homens 51,6 horas, contabilizando cinco horas a mais para as mulheres.

Percebemos nessas opiniões como que as relações de gênero vivenciadas no dia a dia podem influenciar na vida dos indivíduos e suas escolhas, e no caso das mulheres, conforme destaca Barreto (2014), o tempo que elas possuem para se dedicar aos estudos é bastante reduzido.

Já no caso da P1, observamos como que o preconceito vindo do âmbito familiar pode gerar um trauma enorme: “Acredito que se fosse do sexo masculino, não teria sofrido tanta discriminação da parte de meu pai. Esses traumas refletiram negativamente no meu desempenho escolar”.

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

As oito mulheres de meia idade explicaram como se sentiam ao chegar a esta etapa da sua vida estando dentro de uma universidade, cujas respostas predominantes se concentraram em afirmar sobre sua realização e seu orgulho por estarem nesta fase estudando, como no caso da P2, P3, P4, P5, P7. Enquanto que a P6 afirmou: “Me sinto bem, é como se eu pertencesse a esse lugar, pois sempre gostei de estudar, estou ambientada, pois trabalho em uma escola”, deixando claro o seu sentimento de pertencimento neste local. Já outras participantes ressaltaram o fato de gostarem de desafios, como no caso da P8 que afirmou: “Me sinto muito bem, pois gosto de encarar desafios” e também o relato da P1:

Hoje, embora os desafios sejam grandes, me sinto muito bem por estar onde eu estou. Só lamento não ter acreditado antes que é possível alcançarmos nossos desejos, só basta tomarmos a decisão e saímos da nossa comodidade cotidiana. Estou me sentindo como se estivesse saindo do casulo (P1).

Estas duas participantes nos levam a refletir sobre a busca por desafios na meia idade, como o exemplo citado pela P1, de que se sente como se estivesse saindo de um “casulo” devido à transformação vivenciada nessa fase da vida.

E para finalizar, as participantes da pesquisa comentaram sobre suas perspectivas futuras, quanto à formação e profissão. Sobre esse aspecto, apenas a P6 relatou não ter feito planos ainda: “Por enquanto não penso no futuro, aliás sou muito pé no chão, não sou de fazer planos”. Entre as outras sete participantes, a P2 e a P5 disseram que: “Pretendo me formar e trabalhar na área da educação” (P2) e “Não pensei muito ainda, mas uma coisa que gostaria muito era exercer a profissão, ou seja, conseguir passar em algum concurso ou até mesmo ser contratada para uma sala de aula” (P5).

Já as outras participantes (P1, P3, P4, P7 e P8) afirmaram que pretendem trabalhar na área e realizar alguma outra formação como uma graduação em outra área, pós-graduação e mestrado. “Quero concluir o curso de pedagogia e atuar na área, passar em um concurso e se tudo der certo, fazer mais uma graduação, no caso em psicologia” (P3). A intenção de passar no concurso também foi apontado pela P7 que salientou: “Espero continuar firme sem pegar nenhuma DP⁵, para poder concluir o curso. Pretendo fazer uma pós e tentar, ou melhor, fazer concursos na área da educação”. Já a P8 disse que: “Minha perspectiva é ingressar em um mestrado e buscar melhorar minha parte financeira, através de um trabalho que seja bem valorizado pela função a qual escolhi”.

Dessa forma, podemos observar, por meio dos relatos acima, que as perspectivas das participantes da pesquisa são muitas e o caminho elas já conhecem e sabem que é difícil de trilhá-lo, mas elas reconhecem que estão em busca de desafios.

Considerações Finais

Diante da pesquisa realizada, foi possível refletir a respeito das questões de gênero que envolvem a presença da mulher de meia idade na universidade e suas especificidades neste contexto, bem como as representações da comunidade que a cerca, sobre sua presença neste espaço, além de observar as perspectivas das próprias mulheres que estão inseridas no ensino superior.

Após a análise dos dados coletados, percebemos que a inserção tardia e a permanência das participantes na universidade envolvem questões relacionadas ao gênero. Percebemos que uma infância e

⁵ Expressão que significa ter dependência de uma determinada disciplina, ou seja, terá que fazê-la de novo.

adolescência pobre fizeram com que o sonho de estudar se afastasse delas, como também o casamento e a vinda dos filhos foram acontecimentos que as distanciaram dos estudos.

Nesse sentido, podemos observar o peso que estas questões sócio-econômicas acabam tendo na trajetória escolar dessas mulheres, como também na vida acadêmica, cabendo destacar como que as questões de gênero agem, por exemplo, quando a mulher se casa e têm filhos ela abre mão de estudar e até mesmo de trabalhar para poder cuidar do marido, da casa e posteriormente do filho. Além do fato de serem julgadas constantemente pela sociedade, tendo elas que cumprir as atribuições que foram historicamente e socialmente construídas como funções atribuídas ao gênero feminino. Apesar das adversidades encontradas, as participantes da pesquisa, em sua maioria, pretendem atuar em sua área de formação e continuar sua formação mesmo estando vivendo a meia idade.

Assim, o referencial teórico escolhido para a pesquisa nos proporcionou um momento de reflexão, primeiramente sobre as questões de gênero, em seguida sobre os desafios existentes em ser mulher na universidade, e por fim algumas características vivenciadas por mulheres durante a fase correspondente à meia idade.

De modo geral, podemos perceber através das respostas de nossas participantes que suas perspectivas futuras são muitas e vislumbram desde exercer sua profissão, como também exercer a profissão e continuar estudando e se aperfeiçoando para galgar novos vãos.

Em suma, entendemos que foi possível realizar algumas reflexões sobre as condições as quais se encontram as mulheres de meia idade na universidade acadêmicas do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e quais são os desafios que elas encontram neste contexto. Porém, este estudo não é o fim mais o começo de novas pesquisas e grandes descobertas, sendo interessante pensar na continuidade deste projeto para refletir sobre onde estão as mulheres de meia idade já egressas da universidade e que papel ocupam na sociedade atualmente.

Referências

- ÁVILA, R. C. Trajetórias e estratégias escolares de mulheres de camadas populares que vivenciam uma tríplice jornada diária: trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos. 2010. 235 f. **Dissertação** (Mestrado em Processos Sócio Educativos e Práticas Escolares). Universidade Federal de São João Del-Rei, 2010.
- BARRETO, A. A mulher no ensino superior distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro. n. 6, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2019.
- CARVALHO, M. E. P. de.; RABAY, G. **Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil**. Florianópolis: **Editora???**, 2015.
- CUSTÓDIO, M. A. C.; SILVA, D. P. da. Trajetória de vida acadêmica de mulheres maranhenses: um estudo do processo de acesso e permanência no Curso de Pedagogia. **Revista Ártemis**, v. XXII, n. 1, p. 55-62, jul./dez., 2016.
- GONÇALVES, J. P. Ciclo Vital Início, Desenvolvimento e Fim da Vida Humana Possíveis – Contribuições Para Educadores. **Contexto e Educação**. Editora Unijuí. Ano 31, n. 98, jan/abr. 2016.
- GUEDES, M. de C. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, Suppl., p. 117-132, jun. 2008.

“Eu me sentia frustrada por não ter o ensino superior”: mulheres de meia idade x entrada tardia na universidade

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARI, F. R.; et al. O processo de envelhecimento e a saúde: o que pensam as pessoas de meia-idade sobre o tema. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, 2016. p. 35-44. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n1/pt_1809-9823-rbgg-19-01-00035.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: Investigações em psicologia social. 9. ed. Petrópolis: Vozes. 2012

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi; et al. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. Disponível em: <<http://sandrachiabi.com/wp-content/uploads/2017/03/desenvolvimento-humano.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: v. 2, n. 20. Jun/ Dez, 1995.

TRENCH, B.; SANTOS, C. G. dos. Menopausa ou Menopausas? **Saúde e Sociedade**. v. 14, n. 1, p. 91-100, jan-abr 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v14n1/10.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Recebido em: 08/02/2019

Aprovado em: 03/12/2019